

**O sentido íntimo na filosofia do abade de Lignac: sua influência e ruptura na concepção  
de sentido íntimo biraniana**

The inner sense in the philosophy of the abbot of Lignac: its influence and rupture in the  
conception of Biranian inner sense

André Renato de Oliveira

Doutor em Filosofia pela Unicamp

[andrerpro@hotmail.com](mailto:andrerpro@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/3338858096631919>

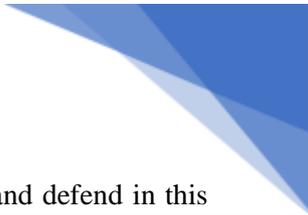
**Resumo**

Este trabalho tem por objetivo demonstrar a originalidade da concepção de sentido íntimo em Maine de Biran, conceito sem o qual nenhum conhecimento seria possível, imprescindível ao reconhecimento de nossa existência individual e elemento fundamental de sua filosofia. Dado a importância deste conceito em Biran, o propósito desta exposição é atestar a sua originalidade. Atribuímos o elemento motivador para tal defesa ao fato de que a noção de sentido íntimo já fora tratada anteriormente por outro filósofo, inclusive citado por Biran, chamado Lignac. Dito isto, nos advém a questão: teria então o conceito de sentido íntimo biraniano a sua origem na filosofia de Lignac? Entendemos e defenderemos neste trabalho que, embora detectemos a influência de Lignac sobre Biran, é notório a existência de profundas divergências entre os filósofos. Atestaremos nesta exposição que embora os filósofos de fato possuam um denominador em comum, isto é, a questão do sentimento de si como ponto fundamental, a forma com que os filósofos apoiam-se e concebem o sentido íntimo são demasiadas divergentes, corroborando assim a originalidade da proposta biraniana em relação àquela de Lignac.

**Palavras-chave:** Maine de Biran. Lignac. Sentido íntimo.

**Abstract**

This work aims to demonstrate the originality of the concept of inner sense in Maine de Biran, a concept without which no knowledge would be possible, essential to the recognition of our individual existence and a fundamental element of its philosophy. Given the importance of this concept in Biran, the purpose of this exhibition is to attest to its originality. We attribute the motivating element for such a defense to the fact that the notion of intimate meaning had previously been addressed by another philosopher even mentioned by Biran, called Lignac. Having said that, the question arises: then would the concept of



Biranian intimate meaning have its origin in Lignac's philosophy? We understand and defend in this work that although we detect Lignac's influence on Biran, there is a clear existence of profound disagreements among philosophers. We will attest in this exhibition that although the philosophers do in fact have a common denominator, that is, the question of the feeling of oneself as a fundamental point, the way in which the philosophers support each other and conceive the inner sense is too divergent, thus corroborating the originality of the Biranian proposal in relation to that of Lignac.

**Keywords:** Maine de Biran. Lignac. Inner sense.

## 1. Quem foi o Abade De Lignac?

Joseph-Adrien Le Large, o abade de Lignac, nasceu em Poitiers no início do século XVIII numa família nobre, viveu por algum tempo com os jesuítas onde teve contato com estudos filosóficos. É muito provável que tenha saído de Poitiers para viver em Paris onde morre em 1762. Quanto à sua personalidade e vigor em seu ofício deixemos que as palavras professadas por ele em seu texto “Testemunho do sentido íntimo” falem por si mesmas. Lignac confessa neste texto que:

(...) meu médico me diz, se vós continuares a trabalhar da mesma forma que tens feito não viveras mais seis meses, ou ainda, ficara impossibilitado de servir-se de vossa cabeça, o que lhe seria pior que a morte. Basta eu lhe disse: que me importa? Eu devo a minha pátria e a religião os poucos dias que me restam... (LIGNAC, 1760).

Estas palavras decerto demonstram a dimensão e seriedade atribuída por Lignac à filosofia até seus últimos dias.

Quanto ao método filosófico de Lignac, de maneira breve podemos dizer que é aquele da experiência, é com este método que ele combate a filosofia de Locke e ataca com certo sucesso os discípulos franceses deste filósofo. Lignac defende ferozmente contra Locke que todas as nossas ideias estão envoltas por percepções particulares e que é necessário a reflexão para libertá-las; segundo o abade francês a essência da alma não consiste apenas no pensamento, pois isto faria de nós simples coleção de pensamentos, ou seja, de modalidades, mas sim, que percebemos e sentimos imediatamente o íntimo de nosso ser, e é isto que nos autoriza a crer em nossa identidade<sup>1</sup>. Esta posição de Lignac nos indica o conceito fundamental de sua concepção, mas também nos leva a perguntar o que este filósofo compreende como sendo este sentido íntimo?

---

<sup>1</sup> A menção aqui é a respeito da ideia de Locke quanto à consciência poder ser transferida de uma alma a outra. Ver no *Ensaio sobre o entendimento humano* a seção XII do Capítulo: De Identidade e Diversidade.

## 2. Elementos da filosofia de Lignac: o sentido íntimo

Lignac é um combatente das filosofias reinantes, em seus principais trabalhos: “Cartas a um americano”; “Os elementos da metafísica”; “Exame sério e cômico dos discursos sobre o espírito” e seu “Testemunho do sentido íntimo” são trabalhos onde se encontram as mais diversas polêmicas contra os escritos de seus contemporâneos. Contudo, as obras de Lignac têm sempre algo em comum o intuito de refutá-los.

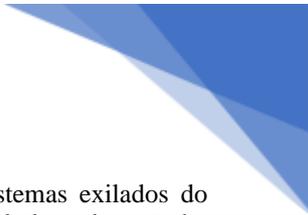
Podemos expor brevemente o conteúdo destas obras a fim de atribuir veracidade a nossa afirmação. Começemos com as “Cartas a um americano”. Neste texto Lignac defere ataques aos paradoxos metafísicos/científicos de Buffon. Em outro texto, o “Livro do espírito”, contamos com críticas a Helvétius. Contudo, será no texto “Testemunho do sentido íntimo”, o qual temos provavelmente a maior delas e aquela que nos prendeu a atenção. Neste texto Lignac defende a espiritualidade de alma contra as correntes materialistas, o que decididamente não era algo a se atribuir pouco crédito, visto ser nesta época uma doutrina reinante defendida por nomes como: La Mettrie, Meslier, Helvétius entre outros. Por tratar deste embate contra o materialismo e encontrarmos nesta obra as diretrizes a respeito da concepção de sentido íntimo em Lignac, bem como a presença de citações deste texto por Biran, consideramos ser esta obra aquela que norteará nossa exposição

Lignac (1760, pp. 297-298) defende neste texto que “temos de tratar a metafísica como a física, temos de questionar a alma sobre os fatos, que são por assim dizer os materiais da ciência da alma”. Lignac acrescenta ainda que “a metafísica é a história natural do espírito humano”. Assim, para o abade francês a única diferença que há entre a metafísica e a física ou história natural é que esta não estaria fora de nós e é necessário buscar os princípios desta ciência primeva em nós mesmos. Ela está fundada, nos diz Lignac:

(...) sob as experiências, como a física, mas sob as experiências que o homem apenas pode fazer em si mesmo e que não demandam instrumentos, nem preparativos, nem despesas, nem mesmo acontecimentos favoráveis que o acaso apresenta ao homem, para quem todo objeto é um sujeito de observação (1760, p. 101)

É necessário olhar para dentro, é o sentido íntimo, repete Lignac que é o objeto e instrumento da observação:

É ele apenas que devemos estudar, se é verdade, e todos concordam, que todos os nossos raciocínios devem ser apoiados sobre a experiência, ou seja, sobre os fatos. Ora, onde nós procuraremos as experiências que nos esclareceram quem somos, senão em nós mesmos? Na física do corpo, nós começamos fielmente a seguir a rota da



experiência, na física dos espíritos, parece se distanciar, os sistemas exilados do mundo material encontraram um asilo seguro no mundo inteligível, de onde eu tenho até aqui feito vãos esforços para os dissipar. Se reconhece o sentido íntimo, mas nós não o interrogamos a não ser para contradizê-lo. Ele nos diz que somos livres, e nós recusamos a acreditar. Nós só precisamos mostrar pela fonte de hipóteses malucas e como estas nos enganam. A sã filosofia não busca pelo que pode ser, mas sim pelo que é. (1760, p. 101)

Parafrazeando Le Goff (GOFF,1863; p.XXXIV), para Lignac o pensamento é o ponto de partida da ciência e é também seu ponto de apoio, o fato de que a consciência é ao mesmo tempo princípio da metafísica e da certeza, a primeira e a mais esclarecedora de todas as verdades. Conforme destaca o próprio Lignac nesta passagem:

Não se pode comparar o conhecimento que nós temos de nossa alma àquele que temos dos corpos. Em todos os modos de percepção dos objetos externos, nada lembra a percepção de nosso ser e do que se passa em nós, esta percepção nos penetra intimamente, e nós atingimos apenas a superfície de diferentes objetos. Nosso sentido íntimo é a maneira mais perfeita de conhecer, sendo imediato e captando seu objeto pelo interior, diferente disso nosso conhecimento que vem de nossos sentidos são imediatos e superficiais. (1760, pp. 105-106)

Decididamente o ponto de partida de Lignac é o sentimento da existência individual, sentimento inato à alma. O ser que pensa, diz Lignac (1753, p. 22), “sente-se existir de maneira a não poder ser confundido com nenhum outro ser [...] estes não podem tomar nenhuma outra inteligência como sua, há uma total impossibilidade de duvidar de sua existência”. Este sentimento de existência (que me é própria) não pode ser dado pelas sensações. Lignac então pergunta-se: Como estas sensações que possuem uma natureza distinta podem comprovar que eu sou eu mesmo e não um outro? Eis a resposta encontrada pelo abade: é necessário que o sentido de existência preexista a todas as modificações, quer estas sejam simultâneas ou sucessivas. Assim, observemos que para Lignac o sentimento de individualidade é a essência, ou melhor, a substância da alma, e o sentimento de minha existência é a essência daquilo que chamo eu, caracterizando o sentido íntimo de nossa existência como a causa de todas as nossas sensações e percepções. Por consequência disto Lignac defende que a alma conhece a si mesma em seu âmago, em sua substância, e que a substância da alma é idêntica ao eu. Desta forma, conhecer o eu é conhecer a alma, de modo que nós a apercebemos diretamente, nós captamos de maneira adequada uma substância concreta e viva (que é a nossa). Nas palavras de Lignac (1760, p.331-332) “a causa de minhas sensações é fixa e determinada por mim, o âmago do meu ser não é para mim um ser abstrato”. Isto quer dizer que o homem não tem necessidade de se lançar para fora para conhecer os seres, é no interior de si mesmo que encontrará o tipo de



ser da substância, e é dali que se deve partir para o exterior. Nota-se no discurso de Lignac a proeminência da substância e sua intrínseca relação com o eu, que para Lignac implica força, uma força real permanente; rica em potência e faculdades que se manifestam de diferentes formas. Assim, para o abade o sentido íntimo de nossa existência compreende a ação sentida da causa que nos constitui e a percepção de nossa existência é tomada como contingente, estendendo a relação à atividade de uma vontade, que pode ou não nos produzir.

### **3. Maine de Biran e Lignac**

Quanto à relação intelectual entre Lignac e Biran temos um testemunho significativo em seu “Jornal Íntimo” (25 de abril de 1815) no qual Biran (1859, p. 571) confessa: “tenho feito uma longa nota a respeito da metafísica fundamentado em algumas passagens do livro do abade de Lignac”. Contamos também com uma nota sobre o escrito de Royer-Collard datada de 1813, onde Biran escreve: “observações relativas às opiniões de Lignac”. Estas passagens demonstram não só o conhecimento da filosofia de Lignac por Maine de Biran, mas ainda comprovam cronologicamente que Biran teve contato com a filosofia de Lignac desde os seus primeiros escritos. Desta forma é plausível e certo que Biran tenha sofrido certa influência da filosofia de Lignac. Sendo assim, é plausível também nos perguntarmos aqui quão complexa foi esta influência e quais seriam seus limites.

Para dar cabo desta questão e limitarmos esta influência, começemos por expor o método biraniano em diálogo com aquele de Lignac. Para Maine de Biran (1834, p. 87) o ser vivo que se tornará homem é tomado em relação com o mundo exterior, recebendo dele diversas modificações que são acompanhadas de um sentimento de prazer ou de dor. Contudo, este sentimento é vago, indeterminado e sem consciência. Assim, o ser vê e sente, mas não se conhece. Aquilo sobre o qual Biran nos adverte com tal afirmação é que o homem ignora a sua vida, sua existência, bem como as funções pelas quais ele se origina e as impressões afetivas que o compõem.

A questão é que se nos restringirmos a esta perspectiva que pauta-se pela ausência da consciência de si, a vida do homem confunde-se com a do animal, ela tem seu princípio na vitalidade dos órgãos e cai sobre as leis fatais da natureza morta e da natureza viva, além de estar sob o poder da fisiologia e da física. De acordo com Biran (1834, p.15), o homem começa de fato por esta via puramente animal e às vezes retorna a ela no curso de sua vida. É assim que ele encontra-se no sono, na alienação mental, etc. O homem só passa a viver a vida que lhe é



própria e a distinguir-se dos animais quando ele se apodera de si. Contudo, o homem só pode apoderar-se de si pela consciência que o faz existir a título de sujeito pensante, ativo e livre. É sob esta perspectiva que este torna-se objeto de uma ciência à parte distinta da fisiologia ou de qualquer outra, falamos aqui da existência de uma vida da alma e uma vida do corpo. As distinções destas duas formas da existência humana são primordiais para qualquer um que deseje fundar uma verdadeira ciência do homem. Para Maine de Biran (1834, pp. 42, 52, 193, 204), para se encontrar o verdadeiro fundamento da ciência temos de buscar pelo fato primitivo onde ele realmente existe, isto é, na consciência do eu e em seu poder. O fato primitivo é a base de todo o edifício, mas é no esforço ou no movimento voluntário que está o verdadeiro ponto de partida da ciência, bem como o da existência. É pelo esforço que o eu manifesta-se e se reconhece como força atuante, como causa que inicia a ação ou o movimento sem ser determinado por nenhuma outra causa além de si mesmo. Sem este fato primitivo, sem o esforço, a sensibilidade e a inteligência permaneceriam impotentes, ou ainda, sequer existiriam. Assim, em Biran (1834, p. 89), mesmo a sensação composta pela afecção ou intuição dada como matéria e objeto não teria nada de ativo ou de intelectual se não houvesse um sujeito, ou seja, um eu que se junta ou se aplica ao objeto representado, mas que se distingue deste objeto. Este sujeito fundar-se-ia unicamente sobre uma relação primeira de causa ao efeito, onde teríamos a causa eu, caso o modo fosse um produto da livre atividade tal qual o movimento voluntário, ou seja, a causa não eu seria concebida ou imaginada de fora, se o modo fosse passivo e percebido (seja de fora, seja na organização sensível) como efeito de qualquer força externa à vontade. Mas, de acordo com Biran (1834, p. 91) se tirarmos toda a percepção de causa subjetiva ou objetiva, a relação do sujeito com o objeto desaparecerá e a sensação não existirá mais como fato da alma humana, seja primitivo e simples conforme Locke e Condillac, ou secundária e composta, que derivariam a ideia de causa exterior do sentimento de força constitutiva do eu, o qual se uni às impressões sensíveis sem se confundir e principalmente sem delas depender.

A questão apontada por Biran (1834, p. 96) é que se o eu não percebe, ele também não pode julgar externamente, pois o julgamento consiste precisamente em distinguir o atributo do sujeito. Ou seja, se o indivíduo não faz esta distinção em si mesmo, se ele não separa o que está nele do que não é ele, não há consciência de si.

Para Biran (1834, p. 90), quando nos elevamos às regiões superiores do pensamento na esfera das *ideias gerais*, elas não passam de produtos de nosso espírito, dito de outra forma,



abstrações que correspondem a realidades independentes de nós como as *ideias necessárias* e universais de causa, de substância e etc., mas ainda aí encontramos a atividade voluntária como condição essencial do conhecimento. O eu não contribui para uma parte igual e nem de uma mesma maneira a formação destas duas classes de ideias. As primeiras vêm da atenção que chega e se fixa sucessivamente sobre cada uma das qualidades sensíveis dos objetos, elas não exigem do eu nada além de um grau maior de atividade da percepção para agrupar e condensar os resultados das observações sucessivas. As outras têm suas raízes nas profundezas do eu que lhe serve de modo e de modelo para seus caracteres essenciais de unidade, identidade, força ou causa. Mas a condição a estas classes é a mesma, sendo necessário que a vontade imprima igualmente o movimento à inteligência. Para tal, a reflexão torna-se a fonte única das noções universais e absolutas de causa ou de força cujo tipo se encontra na consciência de nosso esforço desejado. É também a única faculdade pela qual nos voltamos ao ser necessário e absoluto, concebendo-o como ilimitado ou infinito em sua potência ou força, que por sua vez é limitada e determinada em nós mesmos; o eu cria os movimentos e as modificações. Assim, de acordo com Biran (1819, pp. 345-346), será o eu que nos dará o ponto de partida e o antecedente da ciência, bem como o fim ou o último termo. Não podemos negligenciar o fato de que há também fora e acima da esfera de atividade própria da alma os sentimentos inefáveis do bom, da virtude, do infinito, da divindade, correspondentes às ideias universais e absolutas. O homem sabe por experiência que ele não os dá ou que sua alma não os sugere a si mesma. Por isso, Biran (1819, pp. 153-156) declara que a causa e a fonte destas sugestões não podem ser subjetivas, elas tendem a uma natureza mais elevada do que aquela das sensações e das ideias do espírito, além do que é finito. Há uma revelação superior sob a impressão da qual a alma é passiva, como é passiva para ser sentido sua recepção, como a impressão sensível da luz sobre o olho que se abre pela primeira vez a seus raios. O mistério aqui é como a percepção distinta dos objetos sensíveis exige ao mesmo tempo a atividade do olhar e a presença da luz interior? Biran responde que a percepção clara dos seres inteligíveis exige o auxílio da atividade livre do espírito com a luz superior divina que é a sua fonte, condição ou movimento necessário, mas Biran esclarece esta não é sua causa absolutamente eficiente. Entramos aqui no que consideramos o domínio do moral em Biran. Para pensarmos este domínio e não nos distanciarmos ou divagarmos, propomos colocar aqui duas questões capitais que subsumam o campo físico e moral, a saber: qual é a ligação que une os dois princípios cuja observação



constata a presença no ser complexo que é o homem? E qual é a natureza do princípio superior que o constitui em sua essência própria e o distingue do animal?

É evidente que apesar da diferença entre os dois princípios e apesar da distinção das duas vias a natureza não tem lançado um abismo entre eles e que ao contrário eles são estreitamente unidos. O homem não é de início por si mesmo nem uma alma à parte do corpo vivo, nem um certo corpo vivo à parte da alma que se unem sem se confundir, mas sim um produto dos dois. O sentimento que ele tem de sua existência não é outro senão o da união inefável dos dois termos que o constituem. Acreditando captar a si mesmo sem um destes elementos o espírito não pode apreender nada mais do que uma ilusão, uma pura abstração, uma sombra sem realidade. Mais tarde ele poderá, por um ato de reflexão concentrada, separar ou distinguir mais completamente os elementos contidos sob a unidade da consciência que eu tenho do eu, como pessoa sensível e posta no ponto de vista do eu superior a tudo o que é sentido. Conforme Cousin (1847, pp. 194-197) os dois elementos coexistem no estado natural e os sentidos da coexistência se confundem com o sentido íntimo.

As duas vidas que constituem a vida completa do homem se encontram, por assim dizer, no mesmo espaço e se expandem conjuntamente; não como duas substâncias que se desenvolvem ou atuam sobre duas linhas paralelas, mas como duas forças de naturezas diversas que se tocam sobre vários pontos, mas sem se confundir jamais, sem perder seu caráter distinto e contribuindo numa medida desigual a seus destinos mútuos, muito embora estes destinos sejam profundamente distintos. Assim, Biran (1834, pp.98-103) afirma que os dois elementos que constituem o homem duplo são tão inteiramente unidos que eles quase se chocam pelas sensações afetivas e pelas representações intuitivas que estão no animal e que o homem encontra em si mesmo todas as vezes que sua livre atividade é suspensa e que a consciência desaparece.

Por consequência disto é que no sistema onde fazemos abstração total da livre atividade do eu ou da pessoa humana é fácil confundir os dois elementos um com o outro e retornar ou transformar a física e fazer dela a moral, uma vez que fazendo abstração da livre atividade nós fazemos abstração moral.



Contudo neste ponto de vista o observador capta entre o homem físico e moral pontos de contato que servem de passagem ou de ligação entre as duas ciências ou os dois modos de elementos da ciência completa do homem<sup>2</sup>.

Dado esta pequena introdução sobre o pensamento biraniano observemos resumidamente as ideias de Biran comparando-as agora às de Lignac. Em Biran, a alma é constituída pelo sentimento de personalidade que caracteriza-se no esforço, ele é o fato primitivo fundamental, característico; o sentimento da livre atividade ou do esforço é a condição de toda a vida intelectual e moral do homem; a ideia de causa ou de força tem sua origem na consciência, no sentimento da livre atividade; a ideia de causa é o princípio do conhecimento de Deus; a imaginação e os sentidos da coexistência são o lugar interposto entre as duas vidas que compõe a vida total do homem; a alma, considerada como causa ou força ativa, só pode ser espiritual. Em Lignac: a alma é constituída pelo sentimento de sua existência pessoal, una, idêntica, este sentimento é sua substância; a alma ao mesmo tempo em que é uma substância é uma força ativa, ela é livre e é pela atenção e pela atividade que ela atribui a verdade a seus conhecimentos; as ideias de causa e de substância têm sua origem na ciência. Seguindo Le Goff (1863, pp. 149-150), é cabível defendermos que a ideia de causa vem do sentimento da livre atividade. Nós nos sentimos como um efeito do qual Deus é a causa. Através dos sentidos de coexistência nós temos o sentimento da união íntima da alma com o corpo, ele nos faz conhecer o corpo e um grande número de seus estados e suas partes. A alma considerada como substância una, simples, idêntica, e só pode ser espiritual. Observado suas respectivas posições de imediato observa-se uma aparente similaridade, em especial sob o ponto de partida dos filósofos, mas também detectam-se dissemelhanças como a substancialização. Passaremos agora a abordar estas semelhanças e dissemelhanças.

#### **4. As diferenças e semelhanças entre Biran e Lignac**

---

2 O lugar interposto entre estas duas naturezas, a animal e outra inteligente é a imaginação, ou seja, a faculdade de conceber no espaço e de localizar na organização a sensação. Esta faculdade é subordinada por um lado à sensibilidade interior e posta em jogo pelos mesmos mobiles de execução proporcionado a todos os seus dispositivos variados uma ordem particular de fenômenos fisiológicos estranhos ao sujeito pensante que pode os ignorar, e só se fazer observar em certos modos mistos de existência sensitiva. Por outro lado, ela é subordinada à atividade da alma que pode a dirigir, regular, colocar ela mesma em jogo, por meio dos signos voluntários do qual o eu dispõe, ou que dão uma atenção direta a sua ação sobre a reprodução das imagens e por isso indiretamente sobre as afecções ou os sentimentos que se encontram ali associados. (BIRAN, 1834, pp. 132-133).



De maneira imediata e desatenta é possível entendermos como semelhante o ponto de partida de Biran e Lignac, visto que ambos admitem como primeiro princípio o sentimento de individualidade. Mas em Biran o sentimento de individualidade é constituído pelo esforço e em Lignac ele precederia todo e qualquer fenômeno, isto é, este seria absolutamente independente e suficiente por si mesmo, além de constituinte da essência (substância da alma). Desta forma, embora Lignac também tenha tomado o sentimento de existência como ponto de partida, este sentimento não é para ele uma ideia, este não é constituído positivamente, por conseguinte impossibilitando a alma da posse de si. Lignac declara:

O que é a alma em sua união com o corpo? Uma substância que sente a verdade, mas cujo o único bem é a impotência de conhecer seu estado. Por isso o curso dos espíritos é muito mais rápido na infância, onde a alma é incapaz de atenção[...] o sentimento o absorve inteiramente. Pela sensação viva de seu corpo ela se encontra livre das impressões de tudo o que o cerca[...] unicamente guiado até agora, ou melhor dirigido pela máquina, ela não está acostumada a não ser, em sentir, ela não conheceu nada além dos corpos, o sentido íntimo de sua existência é confundido com aquele da existência e da apropriação de seu corpo. Ela tem necessidade de uma reflexão expressa para os distinguir. (1753, p.402-403).

Observa-se que esta citação de Lignac, embora demasiada sugestiva para a investigação biraniana, não nos oferece subsídios suficientes para afirmarmos com convicção que aí estaria as bases das ideias de Biran, ou seja, nesta passagem, que em certa medida expõe com clareza o pensamento de Lignac, não encontramos fundamento à posição de Biran, que sustenta que o esforço ou o sentimento da livre atividade é constitutiva da existência pessoal. Assim sendo, o sentimento de existência pessoal é a essência da alma e o antecedente necessário de todo fato e toda faculdade. Parafrazeando Le Goff (1863 p. 151), embora seja evidente que no pensamento de Lignac a atenção, a reflexão, a liberdade sejam as condições requeridas para o sentimento da existência individual. Maine de Biran chama de vida orgânica a vida da sensação e da imaginação que antecedem o sentimento de esforço, e que independem dele, respondendo assim ao estado que de acordo com Lignac precede a intervenção da reflexão na consciência que o eu tem de sua existência individual. Tal posição demarca uma diferença notória entre os sistemas de Biran e Lignac. Observemos ainda que para Lignac a alma capta-se pela reflexão e se distingue de tudo o que ela não é, inclusive de seu próprio corpo e de outros. Nesta mesma vida sensível que é para Biran puramente animal, em Lignac temos o sentimento de existência pessoal, isto é, esta se mistura às primeiras impressões da vida sensível e afetiva. Eis aqui um ponto importante de discordância entre os filósofos; para Biran diferente de Lignac a alma só nasce tomando consciência de si e ela só atinge este sentimento reconhecendo-se como uma



força livre, de modo que tudo o que precede o momento no qual o sentimento aparece deve ser abstraído de sua existência e pertencente apenas à vida animal. Para Lignac (*apud* GOFF, 1863, p.151) a alma preexiste à reflexão, ela é posta pelo mesmo fato de sua existência em posse de sua individualidade. Inicialmente só temos uma ideia confusa, um sentimento vago e obscuro. Será pouco a pouco, pela atenção e pelo esforço, que ela refletirá sobre suas impressões e sobre si mesma elevando-se das trevas à luz. Temos então, conforme nos expõe Lignac (LIGNAC, 1753, p.401), uma criação (de si mesmo) que parte de um sentimento de causa e de uma força livre. Tal posição a distância do organismo com o qual confunde-se inicialmente. Já em Biran, o ser humano cria-se de uma única parte e de uma só vez pelo sentimento de esforço, não há nada anterior, o esforço é uma espécie de feixe de luz da alma e é por ele que a partir do nada advem todo o seu ser. Dito isto, corroboramos aqui as diferenças entre os métodos de Lignac e Biran, o que entendemos demarcar a existência de similaridades entre os autores. Contudo estas são restritivas, destacando-se em maior grau a originalidade destes filósofos.

## 5. Considerações finais

É notório como afirmamos nas linhas finais do tópico acima que existam de fato similaridades entre as ideias de Maine de Biran com as do abade de Lignac. Contudo demonstramos que estas similaridades não fazem de Biran um fiel discípulo de Lignac, tão pouco obscurece sua originalidade.

É importante destacar aqui dois pontos fundamentais: primeiro, este tema não se esgota nesta explanação, temos inteira convicção que este tema merece um tratamento mais extenso e complexo, contando com um aprofundamento maior destes dois grandes espíritos; segundo, o trabalho de Maine de Biran, bem como de grande parte dos pensadores, sofre mudanças no decorrer de seu amadurecimento, consideremos que Biran inicialmente é próximo de Condillac e dos ideólogos e posteriormente rompe com estas teorias. A respeito de sua relação com a obra de Lignac não é diferente. No texto “Da apercepção imediata”, temos um Biran mais próximo das ideias de Lignac e mais afável às ideias do abade, como pode ser destacado nesta passagem:

A noção original longe de ter seu princípio ou seu primeiro movimento (mobile) em alguma impressão sensível recebida de fora é ao contrário obscurecida, envolto de início por tudo o que é sensível, e só se distancia dele lentamente e por uma sequência de esforço e de combinações de elementos que são uma parte fundamental da humanidade (COUSIN, 1847, p.18).



Mas com próximo não queremos dizer que ele as tenha incorporado e concordado totalmente com elas. O que desejamos destacar aqui é que temos neste texto biraniano elementos que possibilitam uma proximidade relevante da posição de Lignac, contudo, esta posição também é passível de questionamentos. Primeiro, Lignac defende o papel primordial da liberdade no conhecimento, esta é a condição de toda ideia. Para Biran, e esta posição já pode ser vista neste texto de Biran, a liberdade não pode ser a condição do conhecimento, pois esta é a condição da existência do ser que conhece e não o contrário. Outro ponto é que Lignac se distanciou da questão do movimento voluntário, questão também já fortemente presente neste texto de Biran. Esta é a diferença primordial entre os filósofos a respeito da teoria das causas, cuja as consequências recairiam sob métodos e resoluções distintas, o que descaracterizaria uma apropriação por Biran da concepção de sentido íntimo de Lignac.

Assim, podemos concluir deste debate que temos em Lignac apenas alguns despontamentos a respeito de temas que em Biran se tornarão uma doutrina mais meditada e complexa, ou seja, sistematizada. Obviamente Biran bebeu da fonte de Lignac. Além dos exemplos dados aqui temos ainda a sua concepção de causa muito similar àquela de Lignac, mas estas aproximações não foram contundentes para afirmarmos que já estaria presente em Lignac a concepção biraniana de sentido íntimo. Por fim, nosso intuito nesta exposição não foi, como dissemos antes, o de fazer de Biran um discípulo fiel de Lignac, mas sim o de demonstrar que dentre as similaridades encontradas entre a concepção de sentido íntimo biraniana com aquela de Lignac, são as divergências que se mostram mais significativas, dentre as quais destacamos a substituição das causas ocasionais de Lignac pela ação direta da vontade, a negação da percepção direta da substância da alma, dentre outras, abordagens estas que caracterizam a originalidade e independência do método biraniano.

## Referências

COUSIN, V. *Nouveaux fragments philosophiques*. Cours de l'histoire de la philosophie. Paris, Ladrance, 1847.

GOFF, L. *De la philosophie de l'Abbé de Lignac*. Paris, Libraire T. Martin, 1863.

LIGNAC, J.-A. *Présence corporelle de l'homme en plusieurs lieux, prouvée possible par les principes de la bonne philosophie*: lettres, où, relevant le défi d'un journaliste hollandais, on dissipe toute ombre de contradiction entre les merveilles du dogme catholique de l'Eucharistie



et les notions de la saine philosophie, par l'auteur des "Lettres à un Américain". Paris, M.-J. Brisson, 1764.

\_\_\_\_\_ *Elemens de Methaphysique Tires de L'Experience: Ou Lettres a Un Materialiste Sur La Nature de L'Ame.* Paris, Saillant, 1753.

\_\_\_\_\_ *Examen serieux & comique des discours sur l'Esprit.* Paris, 1759.

\_\_\_\_\_ *Le Temoignage Du Sens Intime Et de l'Experience, Oppose A La Foi Profane Et Ridicule Des Fatalistes Modernes* 3 vol. Paris, A. Auxerre, 1760.

\_\_\_\_\_ *Lettres à un Américain [sic] sur l'Histoire naturelle, générale et particulière de M. de Buffon.* Paris, 1751.

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano.* São Paulo, Martins Fontes, 2012.

MAINE DE BIRAN. *Œuvres*, Pierre Tisserand. Paris, Alcan, 1920-1949.

\_\_\_\_\_ *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l'homme*, Paris, 1834.

\_\_\_\_\_ *Leçons De Philosophie De M. Laromiguière.* Paris, 1829.

\_\_\_\_\_ *Exposition de la Doctrine Philosophique de Leibnitz.* Paris, 1819.

\_\_\_\_\_ *Journal Intime De Maine De Biran 1792-1817.* Paris, 1928.

\_\_\_\_\_ *Oeuvres Inédites De Maine De Biran*, Naville, E. 3 vol. Paris, 1859.

**Recebido: 17-03-2020**

**Aceito: 24-11-2020**